

# As elites no jornal: práticas sociais e representações na crônica “Flash social” (jornal Rio Grande – 1956-1957)

*Marina Krüger Pelissari*<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo procura analisar a construção de representações referentes à elite da cidade do Rio Grande (RS), feita pela crônica social chamada “Flash social”, a primeira coluna publicada no jornal Rio Grande, entre os anos de 1956 e 1957. Será levado em consideração o suporte destas crônicas assim como sua forma textual, procurando perceber como elas eram organizadas, quais eram os seus principais assuntos, a linguagem utilizada pela cronista e a camada que ela procura delinear. É possível, por meio destes escritos, perceber as práticas sociais da elite rio-grandina e as representações que a legitimavam como um grupo de poder dentro desta sociedade.

**Palavras-chave:** Elite. Práticas sociais. Representações. Crônicas sociais.

**Abstract:** This article intends to analyse the construction of representations referring to the elite of Rio Grande (RS), present in the social column named “Flash Social”, the first column published in the newspaper called Rio Grande, between 1956 and 1957. Will be taken in consideration the support of this columns as well as its textual forms, looking for the organization, principal subjects, the language used by the columnist and the group that this columns intend to delineate. Its possible, through this columns, realize the social practices of the Rio Grande’s elite and the representations that legitimize them as a group of power in this society.

**Keywords:** Elite. Social practices. Representations. Social columns .

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as representações referentes à vida social da elite da cidade do Rio Grande, localizada no Rio Grande do Sul, durante a década de 1950, por meio de “crônicas sociais” publicadas no jornal *Rio Grande*. Será analisada a crônica chamada “Flash Social”, publicada entre os anos de 1956 e 1957, procurando perceber tanto seus aspectos materiais (seu suporte) quanto textuais. Daremos atenção à maneira como estas colunas se organizavam, os principais assuntos tratados, o tipo de linguagem utilizada, identificando o grupo ao qual se refere. Acredita-se que as crônicas podem ser vistas como forma de cristalização das práticas sociais e da identidade da elite rio-grandina, (re) construindo as representações deste grupo e difundindo-as.

Ter as sociabilidades, a elite e as suas representações como objeto de estudo justifica-se historiograficamente por dizer respeito a representações dominantes que se pretendem como “realidade” para um grupo determinado. Estas representações são difundidas a outros grupos por meio das crônicas sociais, reafirmando o poder da elite.

O jornal *Rio Grande*, onde eram publicadas as crônicas sociais que tinham a elite como personagens, foi fundado em 1913, sendo um dos jornais mais longevos da cidade, um dos mais importantes no período estudado e o primeiro a publicar colunas sociais. Foi escolhida como objeto a coluna “Flash Social”, pois é a primeira crônica social com este modelo a ser publicada em jornais rio-gran-

dinos, seguindo o exemplo de jornais do resto do Estado e do país. Antes disso as notícias sociais eram dadas por meio de pequenas notas soltas ao longo do jornal. Com o aparecimento da crônica estas notícias reúnem-se sob a tutela de uma cronista e começam a ganhar cada vez mais espaço no jornal. É possível perceber, de 1956 a 1959, o crescimento do espaço dado pelo jornal *Rio Grande* às crônicas sociais. No começo da publicação as crônicas ocupavam menos de um quarto da página e no final da década ocupavam, em média, mais da metade.

A cidade do Rio Grande, local onde se desenvolviam estas sociabilidades, foi fundada em 1737 como uma ocupação com função militar que buscava proteger os domínios portugueses no sul do Brasil e no rio da Prata, além de explorá-los economicamente. Em um momento de enfrentamento e disputas entre Portugal e Espanha, Rio Grande era um entreposto de apoio à Colônia do Sacramento, localizada no atual Uruguai, e naquele momento em poder dos portugueses. O território do atual Rio Grande do Sul chamava a atenção da administração colonial e de particulares com o intuito de explorar o potencial econômico da região até então pouco habitada. A instalação de uma Comandância Militar e a construção do Presídio Jesus-Maria-José marcou o primeiro ponto de ocupação oficial da Coroa portuguesa na região.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. *A cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-história*. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1997, p. 35.

Território de difícil exploração, com solo arenoso e dunas móveis, além de seu isolamento inicial, os primeiros momentos em Rio Grande foram de muito trabalho para os militares e para a pequena população ali instalada. A população de Rio Grande era predominantemente advinda da imigração açoriana, que imprimiu suas feições na vila.<sup>3</sup> No entanto, ao longo de seu desenvolvimento, sofreu influência de diversos imigrantes, entre eles os italianos e os alemães.

A função estratégico-militar inicial da Vila foi gradualmente dando espaço a outra mais lucrativa, a de ponto de escoamento da produção rio-grandense. A sua localização na desembocadura da Laguna dos Patos e o seu porto marítimo deram um caráter comercial à cidade, que chegaria ao seu ápice no século XIX.<sup>4</sup>

O comércio por Rio Grande era uma consequência natural da expansão econômica e das necessidades dos novos núcleos urbanos sul-rio-grandenses. Assim, o porto constituiu-se num elemento primordial para o dinamismo, empreendimento e crescimento da urbe.<sup>5</sup>

Segundo Maria Luiza Queiroz, o progresso e o desenvolvimento gerados pela função comercial da Vila do Rio Grande estão intimamente ligados à ação de uma elite comercial abastada, que começou a se formar a partir de 1780.<sup>6</sup> A

dragagem do cais e a construção do Porto Velho, entre outras obras de modernização da Vila são atribuídas aos comerciantes e financiadas por eles, evidenciando, segundo as palavras de Arsène Isabelle, um viajante francês que visitou a região, o “espírito de associação” e o “progressismo” da elite rio-grandina.<sup>7</sup> Solismar Martins<sup>8</sup> também reafirma esta idéia:

No período comercial em Rio Grande formou-se uma elite econômica e social, que se consolidaria com a industrialização. Essa elite foi capaz de construir clubes, teatros, prédios suntuosos, assim como abrigar eventos culturais importantes de expressão nacional.<sup>9</sup>

Esta elite, já consolidada nos anos de 1950, tinha uma vida social intensa e regrada pelos costumes e pela moral da época. O Brasil vivia um período de crescimento urbano, industrialização e ascensão da classe média, influenciado pelas tendências internacionais. Essa influência foi importante na modernização de alguns costumes e na emancipação feminina, mas também, depois da Segunda Guerra, nas campanhas que pregavam a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais.<sup>10</sup>

<sup>3</sup> QUEIROZ, Maria Luiza Bertulini. *A Vila do Rio Grande de São Pedro, 1737-1882*. Rio Grande: Editora da FURG, 1987, p. 83 a 94.

<sup>4</sup> ALVES, 1997, p. 39.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 35-36.

<sup>6</sup> QUEIROZ, 1987, p. 156.

<sup>7</sup> ISABELLE *apud* BITTENCOURT, Ezio. *Da rua ao teatro – os prazeres de uma cidade*. Sociabilidades & cultura no Brasil Meridional (Panorama da história de Rio Grande). Rio Grande: Editora da FURG, 2001, p. 38.

<sup>8</sup> MARTINS, Solismar Fraga. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873 – 1990)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2006.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 95.

<sup>10</sup> BASSANESI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 608.

Os anos 50 no Brasil caracterizaram-se, entre outros aspectos, pela distinção nítida dos papéis femininos e masculinos e por uma moral sexual rígida. Às mulheres era reservado o papel de esposa, mãe e dona de casa, sendo definida por estes papéis femininos tradicionais e por características consideradas femininas, como o instinto materno, resignação, doçura, pureza. Já os homens deveriam ser os provedores da família, sustentando a mulher e os filhos, além de serem a figura de autoridade e poder nesta “família-modelo”, normalmente branca, de classe média, nuclear, hierárquica e com papéis definidos.<sup>11</sup>

Essas imagens não correspondiam necessariamente à realidade, mas às representações que eram construídas e difundidas no momento, como esclarece Carla Bassanezi: “mais do que refletir um aparente consenso social sobre a moral e os bons costumes, promoviam os valores de classe, raça e gênero dominantes na época.”<sup>12</sup>

Os pressupostos da história cultural não prevêem uma rígida separação entre categorias como popular e erudito, elite e povo. No entanto, mesmo este trabalho estando de acordo com diversas características de um estudo de nova história cultural, não se pode aqui deixar de utilizar o termo e o conceito de *elite*. As crônicas sociais analisadas referem-se clara e literalmente a um grupo social diferenciado dentro da sociedade rio-grandina

e não levar isto em consideração seria fechar os olhos para uma característica importante das fontes. Mantemos, no entanto, a utilização do conceito-chave de *representação*, pois acreditamos que o que as crônicas sociais fazem é uma representação desta elite.

Flávio M. Heinz<sup>13</sup> nos diz que não há um consenso sobre o que se entende por elites, sobre quem são e o que as caracteriza. Este é um termo empregado em um sentido amplo e descritivo, que normalmente faz referência a pessoas ou grupos que parecem ocupar o “topo”, os “privilegiados” ou “abastados”. Este entendimento nem sempre precisaria de muitas justificações, pois o poder da elite se imporia por si só, não necessitando de maiores explicações.<sup>14</sup>

A imprecisão e falta de clareza deste conceito, seguidamente criticada, tornou-se, para alguns pesquisadores, cômoda e instrumental.

Um número crescente de pesquisadores encontra na noção de elite uma forma de se estudar os grupos de indivíduos que ocupam posições-chave em uma sociedade e que dispõem de poderes, de influência e de privilégios inacessíveis ao conjunto de seus membros, ao mesmo tempo que evitam a rigidez inerente às análises fundadas sobre as relações sociais de produção.<sup>15</sup>

Entende-se aqui que a noção de *elite* diz respeito a aspectos materiais, mas

<sup>11</sup> Ibid., p. 608-609.

<sup>12</sup> Ibid., p. 609.

<sup>13</sup> HEINZ, Flávio M. *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

<sup>14</sup> Ibid., p. 7.

<sup>15</sup> HEINZ, 2006, p. 8.

também à percepção social que os atores tem acerca da desigualdade no desempenho dos seus papéis sociais<sup>16</sup> e ao poder (real, material, mas também simbólico) que apenas alguns detêm. “Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças”.<sup>17</sup>

Este poder é “derivado da riqueza, ocupação e status social reconhecido, bem como a posição política e, mais comumente, poder derivado de uma combinação de todos estes aspectos”.<sup>18</sup> A essas características soma-se a auto-imagem – ou seja, a representação – que estas pessoas têm, como pertencentes de um grupo determinado, como fala Jean-François Sirinelli: “as elites também se definem não só pelo seu poder e pela sua influência intrínsecas, como também pela própria imagem, que o espelho social reflete”.<sup>19</sup>

### As representações da elite rio-grandina na coluna “Flash Social”

Nas pesquisas feitas com as crônicas sociais publicadas no Jornal *Rio Grande* – em trabalho prévio<sup>20</sup> e neste

– até o presente momento, foi possível perceber colunas sociais com três nomes e duas cronistas. O “*Flash Social*”, primeira crônica a ser publicada neste jornal, abarca o período de 28 de junho de 1956 a 27 de fevereiro de 1957 e é escrito por MyrAz, pseudônimo de Myrian Azevedo. De 20 de novembro de 1957 a 27 de janeiro de 1959 é publicada, no lugar de “*Flash Social*”, a “*Crônica Social*”, escrita por Zicil, pseudônimo de Cecília Goldenberg. A partir de 4 de fevereiro de 1959 a “*Crônica Social*” passa a se chamar “*TIC-TAC...*”, porém continua a ser escrita por Zicil e não foram identificadas mudanças significativas no seu modo de escrita. “*TIC-TAC...*” deixa de ser publicada no dia 31 de dezembro de 1960 pois a cronista Zicil casa-se e transfere residência para Porto Alegre. O Jornal *Rio Grande* continua publicando crônicas sociais escritas por outras cronistas. Neste estudo serão analisadas apenas as crônicas sociais que fazem parte do conjunto “*Flash Social*”, totalizando 23 crônicas.

O “*Flash Social*” tinha o formato de uma coluna, ocupando, normalmente, menos de um quarto da página do jornal. A crônica localizava-se na página dois quando o jornal tinha quatro páginas, até setembro de 1956. A partir de então o jornal passa a ter oito páginas e a crônica é publicada ora na página dois, ora na página quatro.

<sup>16</sup> Ibid., p. 7.

<sup>17</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 41.

<sup>18</sup> NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 275.

<sup>19</sup> SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 262.

<sup>20</sup> PELISSARI, Marina. *Festas de elite: sociabilidades,*

costumes e diferenciação nos bailes de Rio Grande (década de 1950). Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. 2008.

Esta crônica é escrita por MyrAz, abreviação do nome da cronista, Myrian Azevedo. Em crônicas posteriores ao período analisado foi possível perceber a citação do nome desta “senhorinha” seguidamente, falando sobre sua participação em diversas festas, sobre seu casamento e o nascimento de seu primeiro filho, o que nos leva a crer que ela fosse participante da elite aqui estudada.

A primeira crônica publicada em “Flash Social” faz um panorama da vida social até aquele momento, falando sobre os locais mais frequentados na cidade, como as pessoas costumavam se divertir e detecta um aumento gradual da oferta de divertimentos, pois antes o lazer na cidade se restringia ao cinema.

O Rio Grande era, há pouco tempo atrás, uma cidade sem vida noturna. O povo possuía como divertimento exclusivo o cinema. Entretanto, chegando ao fim da semana, a maioria já havia assistido a todos os filmes em cartaz, ficando assim ‘sem programa’. Agora já estamos progredindo regularmente nesse setor.<sup>21</sup>

Esta primeira crônica destaca a “instituição da simpática e agradável”<sup>22</sup> “Boite Veterana”, localizada no prédio da Associação dos Empregados do Comércio, como um dos primeiros passos para as reuniões dançantes semanais. Além desta boate, foi criada no Clube do Comércio, por iniciativa de um grupo de moças e rapazes “cansados da monotonia

reinante”<sup>23</sup>, a “Boite Bem”, que funcionava aos sábados reunindo um grande público. “Ambiente bastante blue, lampiões coloridos, e, suaves melodias executadas pelo conjunto do Canabá, dão às reuniões um estilo próprio, diferente e alegre.”<sup>24</sup>

Além destas reuniões semanais, frequentadas principalmente pelos jovens, eram oferecidos bailes com variados shows, principalmente no Clube do Comércio, e reuniões dançantes e jantares americanos no Swift Golf Club<sup>25</sup>. No verão, grande parte da vida social da elite rio-grandina transferia-se para o Balneário Cassino, o qual recebia muitos veranistas de Rio Grande bem como de outras cidades do Estado. Segundo a cronista “Lá existem diversas maneiras de passar o tempo, sem ficar mofando”<sup>26</sup> e entre estes divertimentos ela destaca:

Boite Chez-Nous, Blue Moon, Sociedade Amigos do Cassino (SAC) não esquecendo os saudáveis banhos de mar, os bronzeadores banhos de sol, e o entardecer e anoitecer com o lindo conjunto colorido dos ‘shorts, blusões, slacks, far-west’ e demais trajes típicos da praia em convidativo e atraente ‘footing’ pela avenida.<sup>27</sup>

A fala da cronista nos diz que este

<sup>21</sup> MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 28/06/1956.

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 28/06/1956.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> A Companhia Swift S. A. do Brasil foi instalada em Rio Grande entre os anos de 1917 e 1918. Essa era uma empresa norte americana que tinha como principal atividade produtiva a frigorificação de carne para o mercado externo e foi uma das mais importantes indústrias instaladas em Rio Grande na época. Cf. MARTINS, Solismar Fraga. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873 – 1990)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2006, p. 141-142.

<sup>26</sup> MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 28/06/1956.

<sup>27</sup> Idem.

desenvolvimento na vida social de Rio Grande é um fenômeno recente, pelo menos no seu ponto de vista e de acordo com o que ela considera uma “vida social noturna” satisfatória. Sua opinião é, muitas vezes, escrita de forma que pareça uma verdade e uma opinião geral.

A cronista privilegia, na escrita de suas crônicas, os eventos oferecidos pelo Clube do Comércio, Clube Caixeiral e Associação dos Empregados do Comércio. Estes clubes, localizados no centro da cidade, foram identificados por pessoas entrevistadas em um trabalho prévio como os mais “chiques” da cidade, frequentados pela elite rio-grandina.<sup>28</sup> Durante o verão estes clubes ainda são muito citados e ainda oferecem eventos, mas juntam-se a eles como lugares importantes de diversão o Hotel Atlântico, a Sociedade Amigos do Cassino (SAC), além das boates Chez Nous e Blue Moon, localizados no Balneário Cassino.

A maior parte das vinte e três crônicas que constituem o “*Flash Social*” segue um mesmo padrão. Seu conteúdo é normalmente dividido em pequenos textos por assunto e sem título, falando dos principais acontecimentos sociais da cidade, privilegiando a cobertura de temas relacionados à elite rio-grandina. Deste conjunto, apenas seis fogem a este

padrão: a primeira crônica, que faz um balanço da vida social rio-grandina, quatro outras que mostram entrevistas com senhorinhas da elite e uma com a lista das “*Dez mais elegantes*” senhoras e senhorinhas.

Na maioria das crônicas é dada mais atenção a assuntos como os bailes oferecidos nos principais clubes da cidade, eventos beneficentes, viagens (onde os rio-grandinos passavam as férias, quem passava as férias em Rio Grande, estudos/cursos realizados em outras cidades, notícias de eventos sociais de outras localidades), festas proporcionadas pela elite em suas casas, como aniversários e casamentos, festivais artísticos, teatro, cinema, moda.

Além desses assuntos, frequentemente a cronista discorria, direta ou indiretamente, sobre os costumes, as regras e a moral próprios da época e do grupo social em questão. Em sua escrita é possível perceber qual eram as maneiras adequadas ou não de se comportar, de se vestir, de dançar, de namorar e as pessoas que incorporavam estas regras, tornando-se modelos a serem seguidos. As senhoras e os senhores deveriam ser elegantes e simpáticos; os jovens não poderiam ultrapassar alguns limites de bom comportamento, deveriam se divertir sem perturbar o ambiente social em questão. Recato e gentileza, elegância e beleza deveriam ser mostrados por todos, perpetuando uma certa imagem adequada. Ao destacar e classificar os integrantes da elite da qual fala, ressaltando suas características, a cronista reforça

<sup>28</sup> ARRUDA, Marlene de La Rocha; TRAPAGA, Eneida Dourado. *Os bailes de Rio Grande*: depoimento. [18 dezembro, 2007]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari. COSTA, Carmem Bergamaschi. *Os bailes de Rio Grande*: depoimento. [17 junho 2008]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari. MIRANDA, Glacy Serrat Leivas. *Os bailes de Rio Grande*: depoimento. [24 abril 2008]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari.

as práticas sociais e os mecanismos de distinção deste grupo, como veremos ao longo deste trabalho.

Era comum a cronista fazer um resumo dos principais bailes oferecidos pelos clubes. Ela informava o clube em questão, a decoração do local, a orquestra que animava a festa, as pessoas que se destacavam nestes ambientes, principalmente por sua elegância e beleza, os vestidos usados pelas senhoras e senhorinhas, quem dançou com quem e os “romances prognosticáveis”. A seguir, na íntegra, umas das crônicas sociais que tem este formato:

### **Flash Social**

Escreve: MyrAz

#### **FOI, VIU E COMENTA**

Conforme estava programado, realizou-se sábado, dia 8 do corrente, grandioso baile no Clube do Comércio, em comemoração ao seu aniversário e, também, à Semana da Pátria.

Salão completamente lotado, mesas ‘idem’, ambiente ‘três chic’, salientando nossa ‘Gente Bem’.

O número elevadíssimo de pares dançando impossibilitou-me observar os trajes, detalhadamente. Contudo posso adiantar que eram belíssimos. Em evidência, garotas pelotenses como a ‘glamour girl’ Dóris Santos, que passa o verão no Cassino Beach.

Muito boa a orquestra de Don Mickey, com selecionado repertório de fox blue e fox trot. O show não foi dos melhores, mas conseguiu aplausos do público presente de pé, não respeitando os que estavam sentados, tomou conta do salão, perturbando e dificultando a visão de

muitos.

Novamente Aurora Dourado primou pelo bom gosto, apresentando-se elegantíssima. Aliás esta simpática garota vem sobressaindo bastante, há algum tempo, substituindo o glamour de nossa Terezinha Flôres.

Pedro Gatti dansou (sic) com Gilca Martins (Pelotas), possuidora de um lindo palmo de rosto. Igualmente bonita a noiva de Ettore Anselmi (Dr. antes do nome).

Aquele provável romance que anunciei anteriormente continua em franco progresso.

‘In love’ Leda Romeu (Dra. antes do nome) e Carlos Amâncio. Até que enfim... hein Amâncio?...

Tentarei descrever alguns trajes, dentre os que mais despertaram a atenção:

Aurora Dourado: vestido de faille lilás, saía toda trançada com drapeados, com decote em ‘V’, luvas pretas;

Ivone Machado: vestido em linha ‘H’, justo, abrindo em gomos atrás, decotado, luvas cor de vinho;

Magda Libório: vestido rosa pálido, justo, corpo todo bordado com pallieté;

Myrtis Bergamaschi: vestido de esponja azul claro, justo, decote em ‘V’, cintura alta, sapatos cor de areia;

Terezinha Costa: vestido de rendão cor de chá, justo, decotado, sapatos também de rendão combinado com o vestido, luvas verdes;

Carmem Vera Robinson: vestido azul claro, corte princesa, aplicações em branco, terminando em babado pregueado, decote redondo, luvas e sapatos brancos;

Edy Pedone: blusa preta de veludo, saia de tule bordado, sapatos pretos;

Vera Orlek: vestido rosa, corte princesa, com babado plissado na parte da frente. Senhorinhas que também se destaca-



ram: Suzana Gatti, Maria Helena Costa, Lia Strauch, Alda Marly Pereira, Alba Dourado, Eline Robinson, Léa Fonseca e Eneida Dourado.

Creio que o Clube jamais esteve tão repleto, desde aquele baile em que nos foi apresentada Maria José Cardoso, linda morena de olhos azuis esverdeados.<sup>29</sup>

Como se pode perceber pela crônica citada, a fala da cronista é, normalmente, caracterizada por seu tom elogioso, destacando o que ela considera o melhor das festas e das pessoas que participam dela. São poucas as crônicas que apresentam alguma forma de crítica, como a que foi feita nesta ao show e ao comportamento do público que aplaudiu em pé. Nota-se em sua fala o elogio recorrente a determinadas pessoas que, por sua beleza, elegância, charme ou simpatia, “caíram nas graças” da cronista. Por meio de sua escrita podemos perceber o que era interessante mostrar, quais eram as representações construídas em relação a esta elite.

Além das notas sobre estas pessoas, a cronista fez entrevistas com algumas senhorinhas, “destacadas figuras de nossa sociedade”.<sup>30</sup> No período em que a crônica se chama “*Flash Social*”, e é escrita por MyrAz, estas entrevistas tiveram duas formas: entrevista de perguntas e respostas, com a interação entre a cronista e sua entrevistada e entrevista dividida em “Gosto/Não Gosto”.

No primeiro tipo de entrevista as perguntas giravam em torno da opinião

da entrevistada sobre a vida social rio-grandina, sobre o concurso de Miss Brasil e Miss Universo, seu gosto em matéria de leitura, moda, música, cinema, o que estuda, que lugares gostaria de conhecer, como gosta de se divertir. Em uma destas entrevistas há uma pergunta inusitada e uma resposta surpreendente, tendo em vista o caráter conservador e normativo da elite nesta época e a importância da família para a sociedade. A cronista pergunta à senhorinha o que ela pensa sobre o divórcio<sup>31</sup> e ela responde que é a favor:

P. E’ a favor ou contra o divórcio.

R. Sou católica, mas inteiramente a favor do divórcio. Acho que a indissolubilidade do matrimônio, além de outros inconvenientes, impede legalizar situações de fato, inúmeras, existentes no Brasil. O divórcio viria preencher, assim, esta cláusula em nossas leis.<sup>32</sup>

No outro tipo de entrevista a cronista não faz perguntas, apenas disponibiliza o espaço para as senhorinhas dizerem dez coisas que gostam e dez coisas que não gostam, permitindo aos leitores conhecer melhor algumas personagens de destaque dentro desta sociedade:

### **Flash Social**

Escreve: MyrAz

Zaira Canuso Pinto diz:

As perguntas de MyrAz nestas entrevistas, excetuando-se a relacionada ao divórcio, não fogem do âmbito da vida

<sup>29</sup> MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 17/09/1956.

<sup>30</sup> *Ibid.*, 03/08/1956.

<sup>31</sup> O divórcio foi legalizado no Brasil apenas em 1977.

<sup>32</sup> MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 28/08/1956.

## GOSTO

- 1) Gatos
- 2) Ler
- 3) Jogar cartas
- 4) Sentar em banquinhos de bar
- 5) Ouvir música no escuro
- 6) Filme francês
- 7) Tomar café preto
- 8) Dansar rumba
- 9) Telefonar
- 10) Vestido bonito

## NÃO GOSTO

- 1) Comer muito
- 2) De não ter o que fazer
- 3) Dia de chuva ou vento
- 4) Baile
- 5) Tirar pó
- 6) Qualquer bebida doce
- 7) Dentista
- 8) Gente que fala demais
- 9) Rodar no vestibular
- 10) Dor de cabeça.

social e dos interesses das senhorinhas entrevistadas. Não parece haver intenção de se aprofundar em assuntos mais sérios, mantendo o tom do resto das crônicas sociais, baseadas em amenidades. As entrevistas parecem uma forma que a cronista encontrou de fazer o público conhecer melhor pessoas que ela considera importantes, seus gostos e sua personalidade, já que as quatro entrevistadas são representantes da elite da cidade, sendo frequentemente citadas em outras crônicas. Percebe-se com isto uma forma de explicitação das práticas sociais e culturais desses membros da elite, que é registrada e pode ser perpetuada pelo jornal e pela cronista como uma forma legítima de representação. É feita uma seleção do que é interessante mostrar aos outros sobre esta elite, reforçando seus pontos altos e sua distinção.

Os festivais artísticos também eram um bom “tema” para as festas oferecidas pelos clubes de Rio Grande ou eram apresentados nos cine-teatros da cidade. Uma das maiores atrações destes festivais era o grupo de Teatro da U.R.E.S.,

que reunia alguns nomes da elite para apresentarem peças de teatro amador sob a direção do “teatrólogo” Álvaro Delfino. Estas apresentações sempre agradavam muito ao público.<sup>33</sup> Além do teatro eram apresentadas também, por vezes, danças e trabalhos desenvolvidos nas principais escolas da cidade.

MyrAz também escrevia sobre os filmes que estavam sendo apresentados nos cinemas e que faziam sucesso, como “*O suplício de uma saudade*” (“*A love is a many splendored thing*”), que levou um grupo até a cidade vizinha, Pelotas, para assisti-lo mais uma vez. Além disso, depois de suas viagens a capital do Estado, a cronista costumava fazer um resumo dos filmes que tinha visto e mais gostado, estimulando os rio-grandinos a assistirem também.<sup>34</sup>

A relação da elite rio-grandina com outras cidades também é muito destacada, principalmente com Porto Alegre e Rio de Janeiro. A cronista registrava nas páginas das crônicas quem estava

<sup>33</sup> Ibid., 30/06/1956 e 02/10/1956.

<sup>34</sup> Ibid., 21/09/1956.

de viagem marcada e o que a pessoa iria fazer nestas cidades, além de discorrer sobre a vida de rio-grandinos em outros lugares.<sup>35</sup> A aproximação de Rio Grande com estes lugares de vida social intensa parece ser vista pela cronista como glamorosa, enobrecendo também o lugar de onde ela fala e as pessoas da elite, pois estas têm constante contato com estes “lugares-modelo”. A vida de Terezinha Flôres, a “Miss Rio Grande 1956”, no Rio de Janeiro, sua possível carreira como modelo profissional, seu namoro com um membro do Exército, sua amizade com a “Miss Brasil” Maria José Cardoso era, por exemplo, um assunto recorrente.<sup>36</sup>

A cronista ia com frequência a Porto Alegre e parecia ter grande admiração pela capital do Estado. MyrAz contava as últimas novidades do cinema, da vida social e da moda, como podemos ver no seguinte trecho:

A metrópole gaúcha continua progredindo consideravelmente. Dia a dia novas construções, novos e alterosos edifícios e novos cinemas, como o ‘Continente’, inaugurado semana passada, com três vistosos lances de escadaria, situando-se o recinto cinematográfico no terceiro andar, magnificamente decorado e com ótima combinação de cores, este cine é ‘very beautiful’.

Para quem aprecia tomar drinks ao som de suaves melodias dentro da noite, num ambiente de penumbra e elegância, é indispensável uma visita aos agradá-

veis bares ‘Je revien’ e ‘Normandie’.

Quanto à moda feminina, ‘cada vez mais cada vez’. Na minha opinião, as garotas abusam um pouco da maquiagem, mas, mesmo assim se destacam, na elegância, beleza e bom gosto, glamour e charme. Desde cedo, encontram-se senhoras e senhorinhas ostentando toiles impecáveis, num permanente e agradável desfile da mulher porto-alegrense, considerada (com muita justiça) ‘super-tres chic’ e superando, nesse setor, as cariocas e as paulistas.

Em pleno reinado as cores preto e branco. É a nova exigência da moda para os vestidos da tarde e da noite, do mais simples ao mais fascinante. O preto predomina nos cocktails, jantares elegantes e ‘premières’ porque é uma cor mágica que sempre embeleza. O branco é mais usado para os complementos indispensáveis, como bolsas e carteiras (atualidade) e luvas.

Continua o sucesso dos suéteres e blusões, vestidos também e admiravelmente adaptados ao corpo da geração moderna, que sabe valorizar sua silhueta. O interesse está justamente em procurar usá-los com saias graciosas, em geral plissadas.

No que diz respeito ao cabelo, o último grito é o estilo ‘pagem côr de cobre’.<sup>37</sup>

A capital do Estado, modelo de vida social, não é qualquer cidade, é uma metrópole. Uma cidade com novidades a cada momento e lugares elegantes próprios para o desfile de moda da mulher porto-alegrense. A moda da capital também é modelo a ser seguido, o que faz sucesso em Porto Alegre é divulgado

<sup>35</sup> Ibid., 08/08/1956, 01/09/1956, 21/09/1956 e 24/10/1956.

<sup>36</sup> Ibid., 30/06/1956.

<sup>37</sup> Ibid., 24/10/1956.

pela cronista e usado também pelas rio-grandinas.

As reuniões íntimas, na casa de algumas pessoas desta elite, também rendiam crônicas sociais. Uma “turma”, da qual a cronista fazia parte, costumava se reunir toda a semana na casa de alguém para o “bate-papo semanal”<sup>38</sup> e jogar cartas. “Destas vezes a reunião semanal da turma, foi em minha casa, e, o ‘vispora’ encheu os bolsos dos amigos e esvaziou os meus.”<sup>39</sup> Normalmente depois destas reuniões a “turma” ia para a “Boite Bem”, boate muito frequentada pelos jovens da cidade nos anos de 1956 e 1957. A cronista contava o que acontecia nestes encontros e fazia resumos das festas nesta boate – assim como fazia dos grandes bailes – sempre destacando seu sucesso.

Outro assunto muito explorado no conjunto de crônicas analisadas aqui são as eleições de beleza e elegância e os concursos de Miss. No final do ano a cronista costumava eleger as “10 Mais Elegantes” senhoras e senhorinhas de Rio Grande:

Depois de longa análise, aliás de veras difícil, consegui analisar a lista das ‘Dez mais elegantes’ senhoras e senhorinhas que se destacaram no ‘society’ desta cidade, durante o ano de 1956.

Também apresentarei a lista de ‘cinco brotinhos’ que souberam salientar-se no decorrer desse ano.<sup>40</sup>

A eleição era baseada apenas na observação e opinião da cronista, o que

nem sempre agradava a todos os leitores e membros da elite. No trecho a seguir ela justifica sua escolha diante das reclamações da ausência de alguns nomes:

(...) E por falar nesta lista, sei perfeitamente que diversas pessoas manifestaram discordâncias e desaprovações. Naturalmente, a maneira e o prisma de encarar a elegância sofrem variações, portanto é impossível organizar uma lista que seja aceita por todos. (...)

Quero explicar apenas, que a lista expressa minha opinião pessoal, logo não posso exigir que todos concordem comigo. Para mim, aquelas foram as mais elegantes do ano, o que não exclui muitas outras elegantes que também se salientaram com destaque, no meio da ‘society’ rio-grandina, que não obstante a ausência, e o silêncio, que ela registra, por tradição ou prevenção, no noticiário e nas crônicas da Capital do Estado, vai ganhando terreno satisfatória e aceleradamente.<sup>41</sup>

Em Rio Grande, assim como no resto do país, esta era uma época na qual os concursos de beleza gravavam comoção na sociedade e eram muito concorridos. A fala acima demonstra como estas listas e concursos eram importantes como forma de expressar o pertencimento a um grupo selecionado e mesmo de destaque dentro deste grupo. Mesmo no interior da elite existiam pessoas que se destacavam mais do que outras, senhorinhas que ganhavam os concursos, pessoas seguidamente citadas nas crônicas sociais e das quais o leitor podia acompanhar a

<sup>38</sup> Ibid., 08/08/1956.

<sup>39</sup> Ibid., 14/08/1956.

<sup>40</sup> Ibid., 24/12/1956.

<sup>41</sup> Ibid., 05/01/1957.

vida e, principalmente, as “vitórias”.

Os clubes de Rio Grande costumavam oferecer bailes nos quais as concorrentes a Miss eram apresentadas, desfilavam e a vencedora era escolhida por um júri. As meninas da elite participavam desde crianças destas competições. Em novembro de 1956 a “Boite Veterana” promoveu uma reunião dançante com o título de “Bonecas em Desfile”, na qual se assistiria o “contraste do encanto e da graça mirim a exibir-se sôbre a passarela” e seria eleita “A mais graciosa”.<sup>42</sup> O evento era beneficente, angariando recursos para a fundação de uma “escola maternal”, um “jardim de infância” e um “primeiro ano”:

Conforme anunciei anteriormente, realizou-se, dia 4 de novembro, na Boite Veterana, um interessante desfile mirim, evidenciando a graça e elegância das garotinhas do ‘Cantinho Infantil’. Apesar de sua pouca idade, elas surpreenderam os presentes pelo desembaraço e simpatia com que souberam conduzir-se. Concluído o desfile, houve a seleção, pelo voto, das cinco mais...

Foram escolhidas Angela Falcão Laurino, Maria Elisabeth Gomes da Silva, Vera Lucia Rodrigues Armando, Beatriz Neumann e Lourdes Helena Frediani.

Depois de longa apreciação e análise, o júri classificou como ‘A mais graciosa’ Vera Lucia Rodrigues Armando, que recebeu a faixa da Duquesinha da Associação dos Empregados no Comércio.

Em toilette de gala, todas as concorrentes dansaram (sic) a sua primeira valsinha.

Garotinha que muito promete na arte da passarela é Maria Alice Gago, pela elegância e glamour com que desfilou.<sup>43</sup>

No intervalo de tempo em que a crônica “*Flash Social*” foi escrita foram eleitas a Miss Bikini, Miss Desfile, Miss Elegância, Miss Brotinho, Miss Glamour e Miss Cassino, além da promoção de outros desfiles, sem títulos definidos, beneficentes ou como propaganda para lojas de tecido da cidade.

É possível perceber nas crônicas sociais analisadas uma fala que privilegia os costumes e modos de vida da elite de Rio Grande. A cronista discorre sobre os principais acontecimentos da vida social, a forma como estes se organizam, a sua dinâmica, os seus frequentadores, as relações entre as pessoas. Pode-se ter uma visão mais detalhada de como se davam as sociabilidades neste local e época, inferindo as relações da elite com outros grupos e dentro da própria elite. Na forma como os textos são escritos é possível perceber o esforço da cronista em delinear quem faz parte deste grupo, quem preenche os requisitos para participar dela. Notamos isto quando ela cita os seus nomes, mas também, implicitamente, nas características que atribuiu aos integrantes da elite.

Estas pessoas são tratadas por “elite” e são sempre as mais elegantes e simpáticas, mais charmosas e glamorosas, mais bonitas e graciosas na sociedade rio-grandina. Este esforço de distinção é patente quando MyrAz se refere a estas

<sup>42</sup> Ibid., 31/10/1956.

<sup>43</sup> Ibid., 21/11/1956.

pessoas como “nossa elite social”<sup>44</sup>, “destacadas figuras da nossa sociedade”<sup>45</sup>, “‘grand monde’ parareira” e “‘society’ rio-grandina”<sup>46</sup> ou a “gente bem”<sup>47</sup> – esta última numa provável referência à expressão “gente de bem” –, evidenciando a sua diferença em relação a outras pessoas.

Além disso, a sua fala é repleta de exageros e aumentativos, caracterizando com distinção também os eventos festivos e os lugares nos quais eles aconteciam, como se pode perceber nestes trechos:

Conforme estava programado, realizou-se sábado, dia 8 do corrente, grandioso baile no Clube do Comércio, em comemoração ao seu aniversário e, também, a Semana da Pátria. Salão completamente lotado, mesas ‘idem’, ambiente ‘três chic’, salientando nossa ‘gente bem’. O número elevadíssimo de pares dançando impossibilitou-me observar os trajés, detalhadamente. Contudo posso adiantar que eram belíssimos.<sup>48</sup>

O tradicional ‘Réveillon’ realizado no ‘mui nobre’ Clube do Comércio aconteceu distintamente na madrugada de primeiro de janeiro do novo mil novecentos e cinqüenta e sete. Ano novo... vida nova... toilettes novas e chics, aliás ‘três chics’, foi o que se verificou no decorrer desse magnífico baile, onde todos desabafaram alegria e otimismo, num ambiente cordial e feliz.<sup>49</sup>

<sup>44</sup> Ibid., 12/10/1956.

<sup>45</sup> Ibid., 03/08/1956.

<sup>46</sup> Ibid., 05/01/1957.

<sup>47</sup> Ibid., 17/09/1956.

<sup>48</sup> Ibid., 17/09/1956. Com aspas no original. Grifos meus.

<sup>49</sup> Ibid., 05/01/1957. Com aspas no original. Grifos meus.

Tanto quanto as pessoas da elite, os lugares frequentados por ela também são “grandiosos”, “três chic”, “tradicionais”, “mui nobres”. Os eventos oferecidos por e para ela sempre alcançavam muito sucesso, de público e de qualidade.

MyrAz utiliza ainda variadas expressões em inglês ou francês – mostrando sua erudição e caracterizando a elite – como: *society*, *happy birthday*, *cocktail*, *grand monde*, *soirée*<sup>50</sup>, *três chic*, *glamour girl*, *in love*<sup>51</sup>, *chansonnier*<sup>52</sup>, *wonderful*, *petit-pois*<sup>53</sup>, *avec*<sup>54</sup>, *footing*<sup>55</sup>, *toilettes* e *new year*.<sup>56</sup>

Todos estes recursos discursivos são formas de traduzir a identidade de um grupo, a sua auto-imagem, mostrar quem faz parte dele e quem não faz. Por meio desta fala a realidade é reconstruída, configura-se em uma representação de acordo com os interesses da elite. Esta construção de representações, quando consideradas legítimas por seus pares e pelos “outros” – os que não fazem parte dela –, atribuem poder a este grupo. A cronista tem a autoridade, o poder de decidir quem aparece – e assim tem a sua imagem validada perante a sociedade – nas suas crônicas sociais e quem não aparece. A forma como a cronista difundiu estas representações nas suas crônicas vai ao encontro dos seus interesses também, já que ela faz parte deste

<sup>50</sup> Ibid., 01/09/1956.

<sup>51</sup> Ibid., 17/09/1956.

<sup>52</sup> Ibid., 10/1956.

<sup>53</sup> Ibid., 12/10/1956.

<sup>54</sup> Ibid., 23/01/1957 e 29/01/1957.

<sup>55</sup> Ibid., 28/06/1956 e 29/01/1957.

<sup>56</sup> Ibid., 05/01/1957.

grupo. Ao tratar os membros desta elite como pessoas cultas, finas e elegantes, a cronista se auto-enobrece.

A partir do que foi exposto até aqui, podemos perceber as principais características das primeiras crônicas sociais publicadas no Jornal *Rio Grande*, como a sua organização em notas, cada uma falando de um assunto e sem um título que informe previamente o assunto, a linguagem acessível e os assuntos leves. O texto da cronista é tanto informativo, discorrendo sobre os principais acontecimentos da vida social da elite rio-grandina, quanto opinativo, quando a cronista seleciona os mais elegantes, ou quando emite seu juízo sobre festas, bailes, eventos artísticos, filmes, peças teatrais, etc. Estes juízos são explicitados pelas palavras que ela decide utilizar para descrever as pessoas e os acontecimentos, tendendo sempre para uma fala elogiosa.

As crônicas analisadas aqui fazem parte de um conjunto inicial, apresentavam uma estrutura e uma narrativa que iria se desenvolver ao longo do tempo, em crônicas publicadas com outros nomes e escritas por outra cronista. A escrita de MyrAz e os assuntos tratados por ela são leves, referem-se ao que muitos classificariam como banal ou frívolo. No entanto, olhando com mais atenção, nestas “frivolidades” estão postas as regras morais de uma sociedade e de uma época, possibilitando-nos entendê-la melhor. O fato de ser sócio de um clube elegante, de frequentar os lugares “certos”, a maneira de se portar publicamente, de se vestir, as amizades e relações afetivas

são formas de distinção. O conjunto de crônicas analisado demonstra, por meio de relatos da vida social e cultural, o que era interessante para esta cronista destacar sobre a elite de Rio Grande, qual a imagem que ela queria difundir aos seus leitores.

É importante, portanto, destacar que estas crônicas, além de nos informarem as formas de lazer de um grupo da sociedade de Rio Grande, nos apresentam também as representações que a cronista, como parte integrante da elite rio-grandina, constrói a respeito desta mesma elite, do seu modo de vida, das regras, do que é certo e errado na convivência dentro deste grupo. É dada a impressão, em muitos momentos, que o resto da sociedade não existe. As pessoas que não fazem parte deste grupo privilegiado são ignoradas. Apenas a “mais fina sociedade riograndina” interessa, apenas ela é importante o suficiente para ser retratada no jornal, para ser “vista” e admirada por todos os outros.

Na sociedade rio-grandina desta época é a “gente bem” que reforça as representações, o que é aceitável ou não, as regras e as normas que regulam a moral e o pertencimento ao grupo. MyrAz, por meio das suas crônicas sociais – assim como outros membros desta elite, de outra forma – tinha o poder que determinava as representações e a identidade daquela camada.



## Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. *A cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-historiográfica*. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1997.

BASSANESI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

BITTENCOURT, Ezio. *Da rua ao teatro – os prazeres de uma cidade*. Sociabilidades & cultura no Brasil Meridional (Panorama da história de Rio Grande). Rio Grande: Editora da FURG, 2001.

HEINZ, Flávio M. *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MARTINS, Solismar Fraga. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873 – 1990)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2006.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PELISSARI, Marina. *Festas de elite: sociabilidades, costumes e diferenciação nos bailes de Rio Grande (década de 1950)*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

QUEIROZ, Maria Luiza Bertulini. *A Vila do Rio Grande de São Pedro, 1737-1882*. Rio Grande: Editora da FURG, 1987

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

## Fontes documentais

“Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 28/06/1956, nº 169, ano XLIII, p.2.

“Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 30/06/1956, nº 170, ano XLIII, p. 2.

“Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 03/08/1956, nº 197, ano XLIII, p. 2.

“Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 08/08/1956, nº 201, ano XLIII, p. 2.

“Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 14/08/1956, nº 206, ano XLIII, p. 2.

“Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 28/08/1956, nº 217, ano XLIII, p. 2.

“Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 01/09/1956, Nº221, ano XLIII, p. 2

“Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 13/09/1956, Nº 230, ano XLIII, p. 2



- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 17/09/1956, n° 233, ano XLIII, p. 4
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 06/02/1957, n° 53, ano XLIV, p. 2
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 21/09/1956, n° 237, ano XLIII, p. 4
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 27/02/1957, n° 69, ano XLIV, p. 4
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 02/10/1956 n° 246, ano XLIII, p. 2
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 12/10/1956, n° 254, ano XLIII, p. 2
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 24/10/1956, n° 264, ano XLIII, p. 2
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 31/10/1956, n° 269, ano XLIII, p. 2
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 21/11/1956, n° 285, ano XLIII, p.2
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 26/11/1956, n° 289, ano XLIII, p. 2
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 03/12/1956, n° 2, ano XLIV, p. 4
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 24/12/1956, n° 19, ano XLIV, p. 2
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 05/01/1957, n° 28, ano XLIV, p. 2
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 23/01/1957, n° 42, ano XLIV, p. 2
- “Flash Social”, jornal *Rio Grande*, 29/01/1957, n° 47, ano XLIV, p. 4

